

UM OLHAR FENOMENOLÓGICO ACERCA DAS CONDIÇÕES DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

CORREIA, Ariane Malta¹; SANTOS, Giovani Augusto dos².

doi: <https://doi.org/10.60035/1678-0795.momentum-v2n21-462>

RESUMO

Este trabalho viabiliza dar luz acerca das pessoas em situação de rua – PSR –, através da abordagem fenomenológica-existencial, com o objetivo de investigar o sentido da palavra habitar, por meio de uma pesquisa bibliográfica do filósofo Martin Heidegger. Procurou-se compreender a relação analítica existencial entre o ser-aí, ser-no-mundo, mundanidade e a palavra habitar atrelada ao sentido de pertencimento, através de descrições de conceitos oriundos do método fenomenológico e suas contribuições. Concluindo que, por meio da linguagem, é possível acessar os reais significados e sentidos atribuídos à palavra habitar, possibilitando a compreensão da relação entre ser, mundo e pertencimento. Sendo, por conseguinte, os sentidos habitáveis por si só.

Palavras-chave: Fenomenologia. Habitar. Martin Heidegger.

ABSTRACT

This project sheds light on people living on the street - PLS, through a phenomenological-existential approach, to investigate the meaning of the word “inhabit” through bibliographical research of the philosopher Martin Heidegger. We sought to understand the existential analytical relationship between being there, being in the world, worldliness and the word dwelling linked to the sense of belonging, through descriptions of concepts arising from the phenomenological method and its contributions. Concluding, that through language it is possible to access the real meanings and senses attributed to the word inhabit, to understand the relationship between being, world and belonging. Therefore, the sense is being inhabitable by themselves.

Keywords: Phenomenology. Inhabit. Martin Heidegger.

¹ Psicóloga, graduada pelo Centro Universitário UNIFAAT. E-mail: ari_malta@hotmail.com

² Psicólogo, Mestre em Filosofia pela Unioeste, professor do Centro Universitário UNIFAAT. E-mail: agosto.santos.49@gmail.com

INTRODUÇÃO

Recentemente, muito tem se dialogado sobre o número crescente de pessoas em situação de rua e pouco se tem refletido sobre o sentido de habitar para estas pessoas. Nesta perspectiva, o artigo visa, de maneira metodológica, a discutir e compreender o sentido da palavra habitar através de estudos bibliográficos e contribuições teórico-científicas no viés da teoria fenomenológica-existencial.

A palavra habitar constantemente se refere às construções e habitações, deixando de lado o desvelar do sentido de pertencimento e a forma de ser-no-mundo. Assim, a revisão bibliográfica procurou obter panorama da relação analítica existencial entre ser e mundo e os impactos causados de uma moradia nas ruas.

Cotidianamente, a população em situação de rua enfrenta obstáculos relacionados à falta de alimentação, higiene, seguridade dos direitos humanos, o que as insere em um contexto ainda maior de vulnerabilidade.

Em perspectiva perversa de sociedade globalizada, as pessoas que estão em situação de rua são colocadas em lugar de marginalidade, sendo negligenciadas em suas necessidades e objetificadas como humanidades descartáveis (Varanda; Adorno, 2004 *apud* Rocha; Oliveira, 2020, p. 03).

A população em situação de rua – PSR – não deve ser deixada de ser considerada como heterogênea, por possuir certa ambiguidade e diversidade de raça, idade, cultura, gênero, experiências etc. “A PSR é um grupo populacional heterogêneo, que é constituído por pessoas que buscam sobrevivência por trabalhos desenvolvidos na rua, com vínculos familiares rompidos ou fragilizados e sem referência de moradia regular” (Brasil, 2009 *apud* Engstrom; Teixeira, 2016). Segundo dados demográficos obtidos pela Prefeitura de São Paulo, no ano de 2021, os enfrentamentos causados pela pandemia fizeram com que os números de pessoas em situação de rua tivessem um aumento consideravelmente relevante, sendo mais 7.540 pessoas em situação de rua no município. “No ano de 2021 havia 31.884 pessoas em situação de rua [...]. Comparando com resultados de 2019 e 2020 é possível identificar um aumento [...]” (Prefeitura de São Paulo, 2021, p. 38).

Com o cenário crescente da PSR, a ideia de dissertar sobre o tema se manifestou durante a graduação do curso de Psicologia e obteve maiores proporções durante o 4º semestre, após a realização de um trabalho acadêmico da grade curricular de Psicologia Social II, em que a escolha da temática foi Representações Sociais Acerca da População em Situação de Rua. Por meio da realização desse trabalho acadêmico, houve a necessidade de ir a campo e realizar entrevistas com a PSR e, conseqüentemente, a inserção nas ruas aflorou o desejo sobre os

estudos desse fenômeno e dos significados e sentidos atribuídos para as PSR através de suas experiências.

Pensando sobre as experiências nas ruas, o crescimento populacional da PSR e as implicações condizentes à situação de moradia, houve necessidade de um olhar para a relação existencial do ser-aí, ser-no-mundo e mundanidade, termos utilizados pelo autor Martin Heidegger. Por entre a relação existencial do ser-aí, ser-no-mundo e mundanidade, torna-se possível compreender o homem como um ser de possibilidades, que deve ser entendido para além de suas condições. As concepções Heideggerianas (*apud* Silva *et al.*, 2008) referem-se ao Dasein (ser-aí) como abertura para o mundo. Dizendo ainda que o ser é aberto, concreto e voltado para todas as direções. Posto isso, ressalva-se que o mundo se influencia e se limita através dessa relação analítica existencial.

A fenomenologia-existencial heideggeriana relaciona que o ser-no-mundo pertence ao modo de ocupações e à maneira que se ocupa (Heidegger, 2015). Sendo assim, o filósofo diz sobre a essência das palavras construir e habitar e relaciona esses termos com a existência do homem, adentrando no sentido de pertencimento. Pertencimento esse que pode causar familiaridade e estranhamento com o mundo (Heidegger, 2008). Ou seja, o habitar é a expressão do próprio ser-no-mundo. Portanto, a metodologia bibliográfica percorre pela suspensão de todo posicionamento prévio e concepções condizentes sobre as PSR para entender o fenômeno na sua autenticidade, na maneira em que se apresenta, com interesse de alcançar a relação existente entre ser-aí, rua, habitar e ser-no-mundo, abrindo-se sobre as possibilidades e escolhas presentes nessa relação.

Ademais, a escolha do tema foi para dar luz acerca da realidade da PSR com o objetivo de articular o método fenomenológico e suas contribuições, a fim de investigar o saber-compreensão do ser-aí e da palavra habitar, explorando a sentido do pertencimento. Dessa maneira, “qual o sentido da palavra habitar para a PSR?”. Para isso, os estudos transitam pela análise histórica sobre a palavra rua, caracterização dessa população e os dados estatísticos recentes, percorrendo pela dissertação da relação existencial entre ser-aí, ser-no-mundo, mundanidade e suas características fundamentais, através da contribuição do filósofo Martin Heidegger sobre a analítica existencial e diferenciações da palavra construir, habitar e pensar.

1 POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA E A RUA ESPAÇO FÍSICO DE MORADIA

A palavra RUA é derivada do latim *ruga*, a qual abrange alguns significados distintos e pode ser compreendida como espaço ou via pública onde os cidadãos podem transitar, tendo

por direito constitucional o ir e vir. O dicionário Larousse traz alguns significados da palavra rua, no qual demonstra as diferentes concepções.

[...] **3** Os moradores de rua. **4** A plebe. Interjeição exprime despedida violenta e grosseira. R. da amargura: tortura, sofrimento. Arrastar pela rua da amargura: atacar a reputação, o crédito; descobrir os defeitos; dizer mal. Deixar (de herança) as ruas francas para passear: nada deixar. Encher a rua de pernas: vagabundar. Pôr na rua: a) dar liberdade, soltar; b) despedir; c) intimar alguém a sair da casa onde está ou mora. d) aparecer aos olhos de todos (Larousse Cultural, 1999, p. 802 *apud* Andrade; Costa; Marquetti, 2014, p. 1249).

Dentre os significados distintos abordados no dicionário Larousse, o dicionário concebe o termo descritivo da rua associado à moradia e ao sofrimento. Através do olhar fenomenológico e a articulação do termo da rua concebido pelo dicionário Larousse, a rua é um espaço de moradia para muitos e pode estar associada também a um espaço de possibilidades, liberdade e escolhas. Sendo possível considerar angústias existenciais inerentes a esta escolha, principalmente quando se trata das incertezas associadas aos enfrentamentos diários.

Todavia, a rua como espaço físico de moradia não é algo recente nos registros históricos da humanidade. Os registros históricos apresentam a PSR em momentos anteriores às cidades pré-industriais e ao sistema capitalista. Segundo os autores Paiva *et al.* (2016, p. 2596), “Apesar do crescimento visível da População em Situação de Rua nas últimas décadas, ela constitui um fenômeno antigo. Sua história remonta ao surgimento das sociedades pré-industriais”. Atualmente, a PSR vem sendo uma problemática recorrente em um contexto global e principalmente nas grandes metrópoles.

Alguns países além do Brasil, como aponta a matéria do site *Hypeness*, também enfrentam essa problemática de números alarmantes de PSR, dentre estes países estão os Estados Unidos, Canadá e países da União Europeia. Em contraposição aos números alarmantes, pode-se pensar acerca das políticas públicas adotadas pela Finlândia, na União Europeia, com o programa chamado *Housing First*. O programa tem por objetivo utilizar a estratégia de redução de danos e o cuidado à PSR. Segundo a redação da *Hypeness* (2021), em um dos trechos explicativos sobre o funcionamento do programa, “A ideia por trás do programa *Housing First* é que, para lidar com os problemas pessoais, a PSR precisa de uma moradia estável”. Dessa maneira, a Finlândia utiliza o apoio psicológico como uma estratégia para as pessoas que perderam suas moradias, buscando, deste modo, reduzir os casos de PSR.

A forma como a Finlândia escolheu definir o programa de redução de danos reflete sobre os enfrentamentos ao lidar com a PSR e a percepção que o país teve de olhar atentamente as necessidades individuais dessas PSR, dita heterogênea. Isto é, as PSR muitas vezes são julgadas e colocadas ao nível de marginalidade, tendo a sua existência e potencialidade reduzidas pela

condição de rua. Assim dissertam os autores Rocha e Oliveira (2020), as pessoas em situação de rua, considerando a sociedade contemporânea, tendem a ser objetificadas por suas condições de moradia nas ruas e colocadas ao nível de marginalidade.

O direito à moradia é um direito constitucional descrito na Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. Apesar disso, a estimativa global de PSR chega a 150 milhões, em consonância com a Política Nacional para População em Situação de Rua (PNPR) – Decreto n. 7.053/2009:

Considera-se população em situação de rua o grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória.

Embora o direito à moradia seja um direito constitucionalizado, os enfrentamentos sofridos pela pandemia epidemiológica da COVID-19 agravaram o acesso da população à moradia no município de São Paulo, assim como em outros municípios do país, conforme dados apontados recentemente pelo Conjunto dos Dados Estatísticos dos Habitantes de uma Cidade, Província, Estado, Nação etc. – CENSO, realizado pela Prefeitura de São Paulo no ano de 2021, que realizou uma comparação dos números de PSR de anos anteriores aos enfrentamentos sofridos pela pandemia da COVID-19 com os números exorbitantes durante a crise epidemiológica. Segundo a Prefeitura de São Paulo (2021, p. 38), “No ano de 2021 havia 31.884 pessoas em situação de rua [...]. Comparando com resultados de 2019 e 2020, é possível identificar um aumento de 7.540 pessoas em situação de rua [...]”.

O aumento dos números de PSR, juntamente à crise econômica e social no Brasil, agravou ainda mais a manifestação da invisibilidade social e contribuiu para o esquecimento do sentido de habitar. Em conjunto a estas questões, o sentido da palavra habitar se torna necessário como meio de reflexão das fraturas sociais, educação, violência, saúde e políticas públicas, abrangendo ainda a complexidade e dinamismo do contexto social, o que exige um olhar mais atento para a PSR e os sentidos atribuídos nessa relação entre o homem e a rua.

2 SER-AÍ, SER-NO-MUNDO E MUNDANIDADE

A relação existencial entre ser-aí, ser-no-mundo, mundanidade é característica fundamental para a compreensão do homem como princípio da analítica existencial, segundo o autor Martin Heidegger no livro *Ser e Tempo*.

Analisando as características fenomenológicas, podemos entender o ser-aí como indefinição, por não ser pré-determinado ou até mesmo pela sua possibilidade de ser. Sobre o

ser-aí, destaca, “não pode derivar o ser no sentido de uma definição a partir de conceitos superiores e nem explicá-lo através de conceitos inferiores” (Heidegger, 2015, p. 38). O autor provoca a reflexão sobre este conceito do ser-aí pela sua indefinibilidade, ou seja, pelo homem ser indefinível não se pode excluir o seu sentido de existir, sendo a indefinibilidade que causa uma busca pelo sentido da sua existência.

Através da indefinibilidade do ser-aí, torna-se possível a articulação dos sentidos que o homem atribui a sua existência, sendo fundamental a abertura das possibilidades do ser-aí para compreensão do sentido da sua presença nas ruas. Isto significa que, através da consciência, o homem consegue se perceber diante do mundo e das ruas, assim atrelar um sentido para essa experiência. A experiência nas ruas carregará por si só uma particularidade, que só poderá ser acessada por meio da linguagem.

No entanto, para que haja uma compreensão do homem através de sua totalidade e compreensão da experiência nas ruas, é necessário voltar às coisas mesmas, ou suspender o juízo (*epoché*) e entender o que é a rua para o ser-aí. O autor Edmundo Husserl fundamenta a concepção da *epoché* como uma suspensão do juízo ou da pré-determinação do homem. Portanto, “[...] operar essa *epoché* original, ou seja, uma certa suspensão do julgamento que se compõe com uma persuasão da verdade que permanece inabalada” (Husserl, 1991, p. 100 *apud* Martini, 1999, p. 46). A suspensão do juízo (*epoché*) tem como essência considerar a vivência e espontânea, sem determinar ou estabelecer como o homem deve ser, vislumbrando a autenticidade de como ele é e como ele se apresenta ser.

A máxima de Husserl ‘voltar às coisas’ mesmas, promovendo uma redução, não no sentido de reduzir, mas de reconduzir ao sentido fundante, o fundamento, a essência. Segundo ele a consciência é o fundamento próprio do homem, pois todos os atos humanos são atos intencionais, assim a fenomenologia propõe a ‘análise das essências, entendidas como unidades ideais de significação, elementos constitutivos do sentido de nossa experiência’ (Marcondes, 2001, p. 258 *apud* Borba, 2010, p. 108).

Por meio da reflexão sistemática da analítica existencial, é possível afirmar que o homem é um ser possibilidade, tanto na sua maneira de existir quanto na sua maneira de se articular no mundo. Portanto, “se resumem na ideia de que o homem, como *Dasein* é um ser-no-mundo, e como ser-no-mundo é temporal e histórico” (Nunes, 1986, p. 10 *apud* Cardinalli, 2015, p. 249).

As denominações fenomenológicas-existenciais do ser-aí, ou *Dasein*, são denominações utilizadas na hermenêutica como forma de compreensão do homem, “o ser humano é um acontecer (*Sein*) que ocorre no aí (*Da*), lançado no mundo e, assim, *ek-sistere*, isto é, existe nesse movimento para fora” (Cardinalli, 2004, p. 54 *apud* Cardinalli, 2015, p. 250). Consequentemente, o *Dasein*, ou ser-aí, nada mais é que a exploração do homem e do seu acontecer, em outras palavras, o ser-aí em situação de rua se mostra como um acontecer entre os demais seres-aí acontecendo, naquele movimento que é a rua ou ser-no-mundo.

O ser-no-mundo nunca é um sujeito puro, porque nunca é um expectador desinteressado das coisas e dos significados; o projeto dentro do qual o mundo aparece

ao *dasein* não é uma abertura da razão como tal, mas sempre um projeto qualificado, definido, poderíamos dizer, tendencioso (Vattimo, 1971/1987, p. 54 *apud* Roehde; Dutra, 2014, p. 108).

Ao analisar a existência do homem e moradia na rua, é possível compreender esse lançamento no mundo, o que torna impossível a distinção entre ser-aí e ser-no-mundo. Por consequência, o homem é mundanidade, porque somos e estamos acontecendo no mundo, ou seja, o homem é por si só um acontecer. Assim disserta Heidegger (2015), o ser-no-mundo é uma constituição necessária e a priori da presença, mas que não pode ser determinativa para determinar o seu ser.

Nesta perspectiva, a PSR se dá pela presença e não deve ser determinada por isso, porque é através da presença que o homem se articula no mundo. Compreende também que o ser-no-mundo sempre será o ser de uma situação. Segundo Heidegger (1998, *apud* Cardinalli, 2015), compreende-se, portanto, que o ser-aí é o lançamento no mundo, incluindo o entendimento entre o ente que se torna acessível dentro do mundo.

Conforme a afirmação acima, do ser-aí acontecendo no mundo, é possível pensar na relação fundamental da contingência existencial. A expressão ser-no-mundo “não é um fato, e sim ‘uma estrutura de realização’” (Carneiro, 1988, p. 20 *apud* Cardinalli, 2015, p. 250). Conforme o autor Cardinalli (2015, p. 250), que retrata o filósofo Heidegger, o “ser-aí como ser-no-mundo é a existência junto a outras coisas (objetos) e junto aos outros e consigo mesmo”. Compreende-se que o ser lançado no mundo pode ser considerado anterior a sua existência, que tem como caráter retratar esta relação com os seres-aí, juntamente a outras coisas que acontecem entre ser e mundo.

Partindo disso, a relação com o mundo só é possível através da compreensão de si e da sua totalidade. “Ser-no-mundo significa preliminarmente ‘morar, habitar, ser familiar a’” (Nunes, 1986, p. 86 *apud* Cardinalli, 2015, p. 250). Todavia, a direção de ser-no-mundo requer a interpretação do homem acerca disso.

As compreensões anteriores do ser-aí e ser-no-mundo exigem a articulação do conceito da mundanidade como construto de ser-no-mundo. A mundanidade está abarcada com as particularidades de mundos atribuídos pelo ser-aí, correlato com a representatividade atribuída àquilo, podendo modificar-se conforme o ser se articula e vai se percebendo nessa articulação. Nesse sentido, a mundanidade não deixa de ser a presença de ser-no-mundo.

Mundo designa, por fim, o conceito existencial-ontológico da mundanidade. A própria mundanidade pode modificar-se e transformar-se, cada vez, no conjunto de estruturas de ‘mundos’ particulares, embora inclua em si a priori da mundanidade em geral (HEIDEGGER, 2015, p. 112).

Quer dizer, a mundanidade nunca é como tal ou como se apresenta, ela sempre será pertencente ao ser. Nesse viés, a mundanidade pode ser compreendida de várias formas pelo ser-aí e terá modos de ser para. “Assim, mundanidade já é em si mesma um existencial” (Heidegger, 2015, p. 111).

Conseqüentemente, a rua, como conceito de mundanidade, é uma estrutura da relação do ser-aí e do ser-no-mundo, só sendo possível através da presença de quem existe no mundo. Sendo este mundo que está sempre em movimento circundante e sendo construído e modificado pelo homem.

3 O SENTIDO DE HABITAR PARA HEIDEGGER

A palavra habitar remete ao sentido de construções ou residências, habitar algo. O sentido da palavra habitar deve ser pensado para além dessa concepção fixada de construções e residências, e não se limitar apenas ao sentido de moradia. Segundo Heidegger (2008, p. 125), “Parece que só é possível habitar o que se constrói”. Qual o sentido que você atribui para a palavra habitar?

Talvez a prevalência anterior, ao direcionar os estudos ao autor Heidegger, fosse que o habitar estivesse direcionado às moradias, residências, construções. Portanto, Heidegger parte dessa concepção de habitação e desvela os sentidos da palavra habitar em uma perspectiva mais abrangente desse fenômeno em *Ensaio e Conferências*, 2008, no capítulo Construir, Habitar e Pensar.

Heidegger (2008) começa desconstruindo a possibilidade apenas de habitar o que se constrói e traz a concepção da construção como uma meta para o habitar, dizendo que nem todas as construções são habitações. “Uma ponte, um hangar, um estádio, uma usina elétrica, são construções e não habitações” (Heidegger, 2008, p. 125).

E por que o autor nos provoca a refletir sobre isso? No caso das PSR que fazem das ruas e construções aspectos de moradia, elas não habitam? A análise existencial permitiu a colocação sobre a impossibilidade de separação entre ser e mundo. Se o homem já é um acontecer no mundo, ele habita, independentemente da sua forma de moradia.

O autor abrange o sentido da palavra construções para que seja possível compreendê-la como refúgios ou abrigos. No entanto, não há uma certeza de que se tenha nas construções garantias de que ocorra o sentido de um habitar, e se pensarmos através do paradoxo de habitar e não habitar, as residências ainda são compreendidas como um habitar. “Mas será que as habitações trazem nelas a mesma garantia de que acontece um habitar?” (Heidegger, 2008, p.

126). Diante disso, a habitação se difere do habitar, pois as habitações são espaços, e o habitar apresenta o modo de ser ou o sentido de quem habita.

O entendimento da essência das palavras construir e do habitar pode ser acessado por meio da linguagem do ser-aí; sendo assim, o construir é o habitual cotidiano e se torna um habitar através do significado atribuído pelo homem. Por conseguinte, o ser-no-mundo é um habitar, ou seja, a rua é um habitar e não há como distinguir isso porque o ser é mundo. Segundo Heidegger (2008), a palavra *bauen* significa construir em alemão e considera que o homem é a medida em que ele habita.

O construir deixa o habitar cair em esquecimento pela falta de reflexão sobre os sentidos, principalmente no que tange ao pertencimento, e isso está necessariamente relacionado à experiência de atrelarmos a palavra habitar apenas a construções, sendo a reflexão sobre os sentidos um traço fundamental do ser-aí, ser-no-mundo e mundanidade. A palavra habitar remete ao pertencimento, e é no pertencer que o sentido se revela e se desvela. Nem sempre o habitar está relacionado às habitações ou às construções, sendo através desse sentido que podemos identificar de modo mais próprio o significado da analítica existencial. No entanto, se percorrermos pelo sentido de habitar para a PSR, é possível nos depararmos com diversas respostas concernentes ao pertencimento, devido à percepção que cada homem atrela a sua experiência nas ruas.

“A referência do homem aos lugares e através dos lugares aos espaços repousa o habitar. A relação entre homem e espaço nada mais é do que um habitar pensando de maneira essencial” (Heidegger, 2008, p. 137).

Por entre o modo de ser e o habitar como pertencimento, pode-se pensar na rua como local que acolhe, embora haja críticas a serem feitas acerca da vulnerabilidade dessa condição. No entanto, a rua serve também como abrigo independentemente das circunstâncias, e a mundanidade alcança a particularidade e reconhece os significados acerca desse pertencimento. O significado que o homem é para o espaço exerce influência no habitar, pois o habitar está relacionado com a própria existência, desse modo o desvelar existencial está articulado com o modo de existir no mundo, permeado pelas angústias inerentes a essa relação.

Quando se fala em habitar, representa-se costumeiramente um comportamento que o homem cumpre e realiza em meio a outros vários modos de comportamento. Trabalhamos aqui e habitamos ali. Não habitamos simplesmente. Isso soaria até mesmo como uma preguiça e ócio. Temos uma profissão, fazemos negócios, viajamos e, a meio do caminho, habitamos ora aqui, ora ali (Heidegger, 2008, p. 127).

Por conseguinte, habitamos locais diferentes nessa complexa relação existencial e nem sempre estes locais são correlatos a construções, porém, sob o conceito do habitar, nos

articulamos no mundo e pelos locais que passamos. Não habitamos tudo o que construímos, embora possamos habitar estes espaços de construções. “A essência do construir é deixar-habitar [...]. Somente em sendo capazes de habitar é que podemos construir” (Heidegger, 2008, p. 139).

Ademais, o pensar e construir se torna indispensável quando se trata de habitar, e o habitar se torna insuficiente isolado dos demais, sendo necessárias reflexões constantes sobre as experiências e essências do sentido atribuído para o homem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste artigo, foram percorridos de maneira sucinta o conceito do termo rua e da rua como espaço físico de moradia, o que tornou possível a análise de alguns contrapontos relevantes sobre o aumento estatístico das PSR durante a pandemia da COVID-19, através dos dados obtidos pelo CENSO do município de São Paulo no ano de 2021. Além disso, considera-se a rua como local de abrigo para PSR não somente no Brasil, mas em outros países, e os programas de reduções de danos adotados por esses outros países como forma de diminuição das moradias nas ruas.

O estudo favoreceu a exploração da complexidade e dinamismo da rua, como local de vulnerabilidade atrelado à marginalidade e à falta de compreensão da rua como local de liberdade, escolha e sentidos. Sentidos esses atribuídos pelo ser-aí por meio da linguagem aplicada na relação existencial.

Ao articular a fenomenologia-existencial como uma ciência natural e moderna, cabe esclarecer sobre existir do ser-aí acerca das dimensões ontológicas, o ser-no-mundo e mundanidade como fenômenos ônticos. Desse modo, o ser-aí, por sua indefinibilidade, se mostra por meio das suas relações, com a liberdade de ser quem ele é ou quem ele quer ser.

Nessa perspectiva, em que acomete as relações, a mundanidade permeia pelas ambiguidades que são as ruas. Ou seja, a rua, como local ambíguo, admite o pensar sobre as angústias existenciais, ao mesmo tempo em que arremete ao acolhimento. Assim, a mundanidade se apresenta para o ser-aí por meio das influências entre espaço e ser-para-o-outro.

Dada a importância dos estudos dos fenômenos humanos, deve-se voltar “às coisas mesmas”, conforme o autor Husserl, para que se consiga entender a essência do homem, acrescentando ainda que suspender o fenômeno não é negá-lo. Diante disso, o ser-aí está fadado ao vazio, sem fechar a sua própria existência a este vazio. Portanto, o caráter na relação com o ser-para-o-outro se concede no espaço da existência, ou seja, acontecendo nesse espaço vazio.

Porque o homem é um ser sociável, e o vazio passa a ser preenchido por sentidos através dos espaços que nem sempre são habitáveis, mas em que ocorre um habitar.

Como, porém, ‘dá-se’ mundo? Se a presença se constitui ontologicamente pelo ser-no-mundo e se também pertence essencialmente ao seu ser uma compreensão do ser de si mesmo [...]. À cotidianidade de ser-no-mundo pertencem modos de ocupação que permitem o encontro com o ente que se ocupa, de tal maneira que apareça a determinação mundana dos entes intramundanos (Heidegger, 2015, p. 121).

O filósofo Martin Heidegger, inicialmente em *Ensaio e Conferências*, nos provoca a pensar sobre o sentido das palavras habitar e construir, percorrendo sobre a possibilidade de habitar apenas habitações ou construções. As PSR não habitam? O ser-aí lançado no mundo não é um habitar por si próprio?

Todavia, as compreensões articuladas anteriormente evidenciam que o homem existe à medida em que ele habita, a existência do ser por si só já é um habitar. Ou seja, “[...] habitar constitui o ser do homem, e de que não mais se pensa, em sentido pleno, que habitar é um traço fundamental do ser-homem” (Heidegger, 2008, p. 128). No entanto, o sentido que o homem atribui à palavra habitar só pode ser acessado por meio da linguagem, e diante da linguagem se consegue acessar a essência do habitar e o sentido de pertencimento.

Dessa maneira, as habitações da PSR são pontes, viadutos, praças, calçadas etc., e nesses locais ocasionalmente ocorre um habitar, visto que a mundanidade nada mais é que a representatividade atribuída pelo ser-aí e ser-no-mundo como estrutura de “mundos”, que podem modificar-se e sempre serão pertencentes ao ser, pois a mundanidade necessita de atribuições do sentido e está relacionada à essência. A partir do momento em que mundanidade está articulada ao ser-aí e ao ser-no-mundo, ela apresenta um sentido de sua existência autêntica, tendo nela a possibilidade para acessar o sentido de pertencimento. Assim, “quando investigamos ontologicamente o ‘mundo’, não abandonamos, de forma nenhuma, o campo temático da analítica da presença” (Heidegger, 2015, p. 111).

Mundo este que está sempre em movimento circundante, sendo construído e modificado pelo homem e com necessidade de manutenções sobre o sentido de habitar ou de pertencimento. “Ora, pertenço aqui, ora não!” (Heidegger, 2015) E é nesse pertencer e não pertencer que ocorrem as buscas por sentidos.

Não há respostas exatas para o sentido de habitar para a PSR, devido à possibilidade de ser e ao acesso do sentido do habitar apenas por meio da linguagem. Portanto, o sentido do habitar depende de como cada PSR percebe a sua existência e atrela o sentido a isso. Para Heidegger (2008, p. 126), “o acesso à essência de uma coisa nos advém da linguagem”. Linguagem essa que se atribui às essências, e estão atreladas aos sentidos atribuídos aos espaços

e ao ser-para-o-outro. Por mais que não se possa negar o fenômeno do habitar ao sentido de pertencimento, as experiências existenciais são únicas. Diante de tantas possibilidades e escolhas que é o ser-no-mundo, as experiências nunca serão as mesmas, assim como o sentido de pertencimento. As habitações nas ruas trazem com elas fatores distintos a que não cabem nesse momento discussões, no entanto, o significado desse pertencimento é de extrema importância para PSR, pois é possível habitar algo e não se sentir pertencente?

As exatidões em que nas ruas ocorre o sentido de pertencimento atrelado ao fenômeno do habitar fecham o ser-aí em uma única possibilidade existencial, limitando suas experiências nas ruas. Diante disso, à rua como local de ambiguidades compete o discordar do sentido do habitar atrelado ao pertencimento para a PSR, possibilitando a abertura de uma pesquisa futura sobre os estudos dos fenômenos das ruas e reflexões acerca da temática da relação analítica existencial sobre o sentido de pertencimento. Abrindo, assim, novas discussões sobre o que acomete o sentido de pertencimento, ou até mesmo como ocorrem as ocupações do ente e o habitar da maneira em que se ocupa.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Luana Padilha; COSTA, Samira Lima da; MARQUETTI, Fernanda Cristina. A rua tem um ímã, acho que é a liberdade: potência, sofrimento e estratégias de vida entre moradores de rua na cidade de Santos, no litoral do Estado de São Paulo. **Saúde e Sociedade [online]**, v. 23, n. 4, pp. 1248-1261, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000400011>. Acesso em: 1 maio 2022.

BORBA, Jean Marlos Pinheiro. A fenomenologia em Husserl. **Revista do NUFEN**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 90-111, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912010000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 9 out. 2022.

BRASIL. Decreto Nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília/DF: **Diário Oficial da União**, 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 25 out. 2022.

CARDINALLI, Ida Elizabeth. Heidegger: o estudo dos fenômenos humanos baseados na existência humana como ser-aí (Dasein). **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 249-258, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420135013>. Acesso em: 15 out. 2022.

ENGSTROM, Elyne Montenegro; TEIXEIRA, Mirna Barros. Equipe “Consultório na Rua” de Manguinhos, Rio de Janeiro, Brasil: práticas de cuidado e promoção da saúde em um território vulnerável. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 21, n. 6, p. 1839-1848, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015216.0782016>. Acesso em: 24 out. 2021.

FINLÂNDIA está perto de não ter mais ninguém em situação de rua dando teto a quem precisa. *Hypeness*, São Paulo, 17 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/05/finlandia-esta-perto-de-nao-ter-mais-ninguem-em-situacao-de-rua-dando-teto-a-quem-precisa/>. Acesso em: 15 out. 2022.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão; Márcia Sá Cavalcante Schuback. 5. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco. 2015.

MARTINI, Renato da S. A fenomenologia e a epochê. *Trans/Form/Ação* [online], v. 21-22, n. 1, p. 43-51, 1999.. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-31731999000100006>. Acesso em: 15 out. 2022.

PAIVA, Irismar Karla Sarmiento de et al. Direito à saúde da população em situação de rua: reflexões sobre a problemática. *Ciência & Saúde Coletiva* [online], v. 21, n. 8, p. 2595-2606, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015218.06892015>. Acesso em: 3 dez. 2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **População em situação de rua**: Censo Municipal 2021. São Paulo, 2021 Disponível em: <https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZWE4MTE5MGItdjRmMi00ZTcyLTgxOTMtMjc3MDAwMDM0NGI5IiwidCI6ImE0ZTA2MDVjLWUzOTUtdNDZIYS1iMmE4LThlNjE1NGM5MGUwNyJ9>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ROCHA, Felipe Coura; OLIVEIRA, Pedro Renan Santos de. Psicologia na rua: delineando novas identidades a partir do trabalho com a população em situação de rua. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 1, p. 1-18, mar. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 out. 2021.

ROEHE, Marcelo Vial; DUTRA, Elza. Dasein, o entendimento de Heidegger sobre o modo de ser humano. **Av. Psicol. Latinoam.**, Bogotá, v. 32, n. 1, p. 105-113, abr. 2014. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-47242014000100008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 out. 2022.

SILVA, Jovânia Marques de Oliveira; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; DINIZ, Normélia Maria Freire. Fenomenologia. **Revista Brasileira de enfermagem**, Brasília, v. 61, p. 254-257, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000200018>. Acesso em: 24 out. 2021.